

### **Dossiê temático**

#### ***“Brasileiras na Paisagem e na Passagem do Oitocentos”***

Coordenação: Mary Del Priore (Universidade Salgado de Oliveira)<sup>1</sup>

Denise G. Porto (Universidade Salgado de Oliveira)<sup>2</sup>

Em 1813, registrada no dicionário da língua portuguesa de Antônio Moraes e Silva, “paisagem” significava, apenas, “vista sobre terras”. No caso, vista sobre o Brasil. E no caso deste dossiê, mirada sobre suas mulheres. Passados dois séculos, e atualizada na reflexão de tantos cientistas sociais, sabemos que a paisagem não é um simples dado de percepção ao alcance do olhar. Mas uma forma específica de apreensão da natureza e do mundo em que circularam, viveram e foram transformadas as nossas irmãs do passado. Pela voz de pesquisadoras de Norte a Sul do país, este dossiê apresenta as “maneiras de ver” as brasileiras modeladas pela cultura, o tempo e a história. Esse olhar vai além da dimensão material, geográfica e mesmo histórica da paisagem e de suas protagonistas, enxergando aí profundas dimensões simbólicas e imaginárias. Ao falarmos de “paisagem”, percebemos que seu aspecto mais rico e complexo, reside na forma pela qual as diferentes autoras apreendem, representam e se apropriam do tema, construindo e reconstruindo os olhares possíveis sobre um século de profundas passagens e transformações.

Essas personagens oitocentistas e os seus universos vividos estão agora inseridas entre nós a partir de inovadores constructos textuais elaborados por mulheres. Pesquisas cotejando documentos a exemplo de narrativas de viagem, diários íntimos, cartas, biografias, autobiografias, desenhos, pinturas, fotos, e tantos outros vestígios de vidas

---

<sup>1</sup> Mary Del Priore é historiadora e escritora. Pós-doutora pela Ècole des Hautes Études em Sciences Sociales, em Paris (EHESS). Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em História da Universidade Salgado de Oliveira (PPGH-UNIVERSO). É sócia titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro- IHGB e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro- IHGRJ. Integra, igualmente, o quadro de sócios do Pen Clube do Brasil e da Academia Carioca de Letras. É membro da Academia Portuguesa da História, da Real Academia de la História, na Espanha. E -mail: [marydelpriore@terra.com.br](mailto:marydelpriore@terra.com.br)

<sup>2</sup> Denise G. Porto é doutoranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História, da Universidade Salgado de Oliveira (PPGH-UNIVERSO), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Pós-Dr.<sup>a</sup> Mary Del Priore. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, na mesma Instituição e sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Pós-Dr.<sup>a</sup> Mary Del Priore. Atividades de Pesquisa: “Política, Sociedade e Economia do Brasil no longo século XIX” - do PPGH-UNIVERSO-CNPq; “Identificação e exposição de documentos históricos relativos ao processo de Independência do Brasil contidos no acervo do Projeto Resgate Barão do Rio Branco” - Biblioteca Nacional- FAPERJ. Publicação recente: *Maria Graham, uma inglesa na Independência do Brasil*. Sócia Honorária do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói-IHGN e Colaboradora do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro – IHGRJ. E-mail: [deniseporto@gmail.com](mailto:deniseporto@gmail.com)

passadas, legitimaram definitivamente interpretações vigorosas acerca de trajetórias femininas pretéritas, dando-lhes protagonismo, voz, feição e historicidade. Tais sínteses contemporâneas, destacam os lugares sociais, que um dia foram ocupados por outras de nós, na passagem do século XIX. Entremeados a questões muitas vezes subjetivas, esses textos ressaltam as complexidades das distintas paisagens cotidianas em que mulheres da aristocracia de corte, rainhas, escravas e forras, francesas residentes na cidade do Rio de Janeiro, e ainda, fazendeiras dos sertões nordestinos teceram os seus dias. Identificam as mentalidades de seu tempo, as estratégias de lutas, sobrevivências e dificuldades. Eles acentuam ainda, os seus anseios, preconceitos de gênero, transgressões vividas e por aí vai. Silenciadas em pilhas de documentos empoeirados, essas vozes anônimas foram esquecidas por muito tempo nas gavetas e prateleiras dos arquivos espalhados por todo o Brasil. Logo, uma centena de evidências materiais produzidas no passado, puderam, agora, ser finalmente desveladas, vasculhadas e interpretadas. Por fim, as mulheres ganharam um lugar historiográfico privilegiado, como demonstra a polifonia temática urdida nas elaborações textuais deste dossiê. As autoras esperam que as leitoras e leitores tenham tanto prazer em lê-lo quanto elas tiveram em escrever.

Neusa Fernandes (Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro), no artigo “Viscondessa Cavalcanti”, apresenta a biografia da Viscondessa Cavalcanti, uma bela mulher da aristocracia oitocentista, colecionadora sensível que teve uma vida social intensa, recebendo semanalmente, nos salões de seu palacete, para encontros literários e recitais. O texto passeia pelas cidades de Paris e Rio de Janeiro do século XIX e retrata o fervilhar político nos periódicos cariocas, o burburinho dos encontros de intelectuais e a animação dos grandes saraus dos salões aristocráticos.

No artigo “Mulheres de Pedro: resgatando o papel das mulheres no Brasil Imperial a partir e uma visão museológica”, Ângela Maria Chiesi Moliterno de Oliveira (Fundação Anita Mantuano de Artes do Rio de Janeiro), resgatou a memória de seis mulheres de grande poder político e social do Brasil Imperial, que influenciaram o feminino do século XIX, no qual o casamento e a família eram os seus únicos espaços de atuação. Mulheres à frente do seu tempo, que com suas ações mudaram os rumos políticos e comportamentais da sociedade, além de incentivar outras mulheres a tomarem seus lugares perante o mundo.

Lená Medeiros de Menezes (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), no artigo “Elegância nos trópicos:mulheres no Rio oitocentista e o frisson pela moda de Paris”, analisa o processo de descoberta da moda francesa por mulheres aristocratas brasileiras, ao longo do processo de modernização que acompanhou o século XIX na cidade do Rio de Janeiro. Nesse processo, as *modistas da rua do Ouvidor* ocuparam papel de destaque, tornando a moda de Paris sinônimo de *bom gosto*, elegância, e expressão de civilidade.

O artigo “O livro de Receitas *Doceira Brasileira*: açúcar, gênero e mercado editorial no Rio de Janeiro Imperial” de Joana Monteleone (Universidade de São Paulo) revela o complexo sistema social e de relações de gênero envolvidos na edição do segundo livro de receitas editado no país. A autora que aparece assinando a capa da publicação é Constança Oliva de Lima. Uma mulher assinar um livro de receitas não era algo comum

à época, o que torna evidente as questões da relação entre gênero e doce, autoria e mercado editorial, no Brasil do século XIX.

“Entre vendeiras e quitandeiras: o olhar de Maria Graham para a paisagem urbana da Bahia oitocentista”, é o artigo de Denise G. Porto ( Universidade Salgado de Oliveira). A autora analisa as aquarelas *Vendedora de Doces* e *Vendedora de Peixes*, para demonstrar a riqueza discursiva das imagens como fontes privilegiadas de análise histórica. A partir destes dois desenhos atribuídos à escritora inglesa Maria Graham e produzidos na década de 1820, é vislumbrado um retrato etnográfico e social das mulheres escravas, forras e libertas, que circulavam no cotidiano urbano de Salvador.

Miridan Britto Falci ( Universidade Federal do Rio de Janeiro) em “Mulheres no Sertão Nordestino”, mostra como as mulheres viveram no sertão do Piauí nos anos 1800. São pesquisadas as vidas de mulheres ricas, pobres, escravas ou livres, que nascidas ali seguiam os padrões circunscritos na alta hierarquia social e patriarcalismo. Como resultado analítico da pesquisa tem-se que roupas, joias, posse de escravos, hábitos de vida, atividades, analfabetismo e fugas para casarem, marcaram profundamente aquela sociedade, onde a miscigenação racial foi muito forte.